



CUNHA, Lenilda Soares. O mal estar da Universidade: a tensão dos anos 90 (Cecília Maria Bouças Coimbra, orientadora). Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2001, 255p.

Por: Ana Inês Sousa*
Malvina Tânia Tuttman**

Lenilda Soares Cunha é brasileira, natural de Uberaba, Minas Gerais. Graduiu-se em Pedagogia, obteve grau de mestre e doutorou-se pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É, também, especialista em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

A autora exerceu várias atividades de magistério como professora e especialista em educação. Entre estas, foi Assistente da Pró-Reitoria de Extensão da UFF, no período de 1991 a 1995, Assessora da Coordenação Sudeste do Fórum de Pró-Reitores de Extensão da Regional Sudeste, nos anos de 1992 e 1993, Professora do Curso de Licenciatura Plena da Universidade Federal do Pará, em 1978 e Professora Titular do Curso de Pedagogia da Fundação Educacional da Serra dos Órgãos (Feso), Teresópolis (RJ), em 2000. Participou de inúmeros grupos de trabalho sobre temas universitários na UFF e em outras Instituições, prestando notável colaboração na construção da Extensão Universitária.

Escreveu artigos sobre extensão, apresentando-os em seminários e congressos e publicando em revistas especializadas. Participou de inúmeras conferências e debates sobre o assunto. Sua dissertação de mestrado teve como título? Extensão na Universidade Federal Fluminense: gênese, natureza, amplitude e compromisso.

Na sua tese de Doutorado – *O mal-estar da Universidade: a tensão dos anos 90* –, a autora não se propõe a dar respostas, fórmulas ou conselhos, pois lhe parece impossível apresentar conclusões, já que a tese se baseia em fatos, históri-

as e estórias, em que uma multiplicidade de fios se entrelaça, tecendo outros conhecimentos.

Partindo dos seguintes questionamentos: *Qual seria o papel da ciência e dos estabelecimentos sociais na construção do Estado e de seus cidadãos? Qual o papel dos estabelecimentos educacionais na construção no plano social mais amplo?*, a autora discute a inserção e intervenção da universidade na sociedade brasileira, tendo como base empírica a construção política da extensão universitária.

A tese está organizada em duas partes: a primeira, intitulada *A Universidade nos labirintos do social*, compreende os capítulos de I a III e, a segunda, intitulada *Tensões democráticas e reforço privatista*, inclui o capítulo IV e mais três subtítulos. Na primeira parte, a autora refaz o percurso discursivo da extensão universitária, detectando as conexões que a legitimou. No capítulo I, esse percurso é analisado e interpretado à luz dos argumentos foucaultianos e de outros autores franceses, tendo como *analísadores* os anos e movimentos que emergiram em 1968 e 1980/1990, os quais enfatizavam a necessidade da participação das universidades nas questões sociais.

Dois anos são especialmente destacados por se constituírem períodos de forte ruptura e de tentativa de instituir uma extensão universitária “social”: 1968, por ser o ano que o movimento estudantil expressou o momento de convulsão do poder que resultou na absorção das demandas,

*Escola de Enfermagem Anna Nery / Universidade Federal Rio de Janeiro - UFRJ e Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. E-mail: extensão@ufrj.br

**Departamento de Extensão da Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO e Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. E-mail: tuttman@unirio.br

institucionalizando a extensão como função indissociada ao ensino e a pesquisa, e 1987, porque, nesse ano, houve um importante movimento de reanimação democrática nacional, refletindo em todos os setores da sociedade. Para a extensão universitária, esse foi um ano especialmente importante devido à criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, espaço de organização e luta pela institucionalização de uma política nacional de extensão, que se propunha transformadora da relação universidade-sociedade. Esse caminhar se confunde com a trajetória pessoal e profissional da autora.

No capítulo II, ao tratar dos intelectuais e a questão social, a autora centraliza essa problematização no intelectual, questionando suas posições e possibilidades em um mundo expressivamente cambiante, tendo como principais referências autores como Félix Guatari, Popkewitz, Lyotard e Stuart Hall.

No capítulo III, a autora estabelece um diálogo teórico entre Robert Castel e Zygmunt Bauman ao tratar da exclusão social como efeito da globalização e o perigo dos (des)caminhos políticos, situando o percurso da extensão que vai de uma proposta de “transformação social” para uma proposta de “política de inserção”.

Na segunda parte, a questão da solidariedade é discutida no seio da prática política e científica da universidade. Nos anos 90, a solidariedade retoma seu espaço na mídia, nas campanhas e programas de governo, nos documentos do Banco Mundial e FMI, ocupando um espaço de prestígio nas iniciativas compensatórias da ausência de políticas públicas e sociais. Como diz

a autora, “(...) parece não haver anticorpos que resistem à febre privatista que, em nome da solidariedade, adentra as propostas sociais”.

No capítulo IV, a autora aponta, ainda, como essas ditas práticas solidárias adentraram as universidades e arrancaram as propostas que aspiravam à transformação da sociedade. Coloca como exemplo os programas do *Conselho da Comunidade Solidária*, dos quais destaca o *Programa Universidade Solidária* como “(...) um sorvedouro do já minguado orçamento federal para as universidades”. Dessa forma, aquela *extensão social* defendida pelo movimento estudantil e pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão vai, aos poucos, sendo sufocada pela ausência de estímulos, apoios e financiamentos.

A análise documental possibilitou que a autora atuasse de forma semelhante a uma cartógrafa, redesenhando fluxos para uma interpretação distinta da realidade estudada.

Pela grande contribuição ao pensar e ao fazer da extensão universitária, possibilitando a reflexão necessária à sua institucionalização, a obra torna-se relevante para todos aqueles que atuam na universidade brasileira. A tese *O mal-estar da Universidade: a tensão dos anos 90* constitui-se, portanto, em um documento importante para gestores da educação superior, docentes, discentes, técnicos-administrativos e todos aqueles que se dedicam à construção de uma universidade pública, gratuita, de qualidade e comprometida com a sociedade. Para aqueles que vivenciam a extensão, principalmente os que tiveram o privilégio de conviver com Lenilda, na sua trajetória no Fórum de Extensão, essa é uma leitura apaixonante que perpassa toda a emoção e competência da autora.